



FERNANDO FARIA DE OLIVEIRA

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CAIXA
empreender⁺

Acordo de Parceria para o Investimento

Caixa Capital

Federação Nacional das Associações de *Business Angels*

7 de Outubro de 2009

Senhor Secretário de Estado, Prof^o Castro Guerra

Senhor Presidente da Autoridade de Gestão do Programa Compete, Prof^o. Nelson de Sousa

Senhor Presidente do IAPMEI, Dr. L. Filipe Costa

Senhor Presidente da FNABA, Dr. Francisco Banha

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Caros Amigos,

Quero saudar todos os presentes e expressar a minha particular satisfação por nos encontrarmos nesta sessão que hoje nos congrega.

Vivemos uma conjuntura em que, depois de uma crise financeira muito difícil, complexa e profunda, surgiram alguns bons indícios:

- bom comportamento dos mercados obrigacionista e interbancário
- *spreads* tendem a normalizar
- nível de stocks em normalização e, praticamente, fim dos *lay-offs*
- mercado de acções em melhoria, ainda que a volatilidade subsista
- melhoria do comportamento macroeconómico de muitos países.

Não se pode, no entanto, dizer que a crise acabou, pois os fundamentos da retoma ainda são débeis:

- mantêm-se desequilíbrios globais – excedentes v. défices – muito importantes
- a dinamização da procura é difícil, devido ao elevado endividamento
- não são claros quais os sectores que podem sustentar o crescimento económico
- houve uma importante perda de riqueza de investidores e outros agentes económicos
- os efeitos da crise foram fortemente minorados pela intervenção massiva dos Governos e dos Bancos Centrais.

Aproveito para manifestar o meu apreço e reconhecimento pelo excelente e estimulante trabalho desenvolvido pelo Senhor Secretário Adjunto da Indústria e Inovação.

Assim, ainda é difícil avaliar a profundidade e sustentabilidade da recuperação, mas é possível dizer-se que o pior já passou e que a retoma pode ser lenta, mas já se iniciou.

Estou certo de que constitui um sentimento generalizado nos presentes que o actual contexto se revela propício à alteração de múltiplos referenciais da nossa vida e, particularmente, do quadro económico e empresarial em que estamos inseridos.

O sentido estratégico leva-nos a concluir que é natural ajustar o nosso modelo de crescimento, apostando designadamente:

- 1º - na produção de bens transaccionáveis exportáveis (já que o maior problema da nossa economia reside na muita elevada dívida externa acumulada – 106% do PIB)
- 2º - no aumento da competitividade dos sectores ou actividades onde o país detém vantagens competitivas ampliáveis e que deverão servir de sustentação do nosso crescimento. Refiro-me, por exemplo, ao Turismo e Lazer, às indústrias de saúde, de entretenimento, de conteúdos, às energias renováveis, às indústrias de ambiente e da qualidade de vida, às da produtividade e eficiência, aos serviços financeiros, às tecnologias da informação, telecomunicações, às indústrias da floresta e do mar, mesmo às indústrias tradicionais inovadoras
- 3º - numa onda de inovação conceptual e tecnológica, dando maior expressão e notoriedade aos avanços registados
- 4º - em novos sectores e produtos com elevado potencial de crescimento, ainda que tenhamos que superar um “mismatch” com padrões de desempenho necessários.

Estas duas últimas prioridades têm particularmente a ver com o tema que nos reúne aqui.

Mas se o sentido estratégico é essencial, a capacidade de decisão e de fazer são também fundamentais para um futuro mais favorável.

Esta conjuntura de crise representa um período difícil, mas a que correspondem oportunidades que não podemos desperdiçar.

As políticas públicas de incentivos jogam um papel importante e devem atender à prioridade de fortalecer os sector produtivo, em especial o transaccionável, por forma a contribuir para o aumento significativo do crescimento económico – a forma de criar e distribuir riqueza, gerar emprego e diminuir o défice público.

Mas são os empresários, a sua capacidade de identificar e aproveitar oportunidades e de inovar, os empreendedores em geral, e as empresas que criam riqueza e devemos ter presente que qualquer actividade empresarial pode ter êxito se conseguir ser competitiva. Cabe às empresas determinar o conjunto de factores onde assentar a sua competitividade: na concepção (com maior ou menor inovação), na execução (produtividade e qualidade) ou na capacidade de comercialização.

Como o passado tem demonstrado, as crises profundas dão normalmente origem a fluxos e dinâmicas de criatividade empresarial de elevada qualidade, em que o espírito e as práticas da inovação e do empreendedorismo se salientam e ganham identidade, transformando-se em projectos empresariais ... às vezes com efeitos radicais sobre a nossa vida, práticas, usos e costumes.

É, pois, neste contexto de mudança – que no caso do nosso País deve ser equacionado e pensado para além da crise, pois é uma exigência estrutural – que assumimos a vocação da Caixa Geral de Depósitos enquanto motor do processo de transformação da nossa economia, nas suas múltiplas frentes e domínios.

A CGD tem a missão fundamental de assegurar o financiamento da economia. O apoio às empresas manifesta-se na concessão de crédito, no apoio ao investimento, no apoio à internacionalização e ao capital de risco.

Particular enfoque merece-nos a oferta de capital de risco. O Grupo afecta à actividade de capital de risco recursos de montante superior a 500 milhões de euros, na dupla qualidade de operador directo - através de Fundos e carteiras geridas pela Caixa Capital - e de investidor em fundos sob gestão de terceiros.

O volume de recursos alocados à actividade está a ser substancialmente reforçado, nomeadamente com a constituição de fundos ajustados a novos segmentos-alvo abrangidos na política de investimentos.

Recentemente, constituímos o Fundo Caixa Empreender+, com uma dotação de 25 milhões de euros, instrumento que está focalizado no investimento em negócios emergentes e empresas de criação recente, privilegiando indústrias baseadas no conhecimento e tecnologia aplicada.

Decorrido um curto espaço de tempo, temos a registar um afluxo significativo de candidaturas recepcionadas, na ordem dos 80 projectos, estando já comprometidos cerca de 5 milhões de euros de participações por parte do Fundo.

De referir que, para além da participação directa no capital das empresas, instituímos a possibilidade de participação em fundos e outros veículos de investimento que prossigam idêntica finalidade em domínios específicos que requeiram competências especializadas e forte acompanhamento.

Por esta via, temos a convicção de estar a contribuir com vista à implantação de componentes essenciais para completar a oferta de capital no mercado das *early-stages*, designadamente no que respeita ao capital semente, ao *corporate venturing* ou aos *business angels*.

É nesse quadro que estamos empenhados na presente parceria. Efectivamente, para que a Caixa Capital esteja apta a corresponder aos desafios neste segmento de

mercado, necessita de adoptar um modelo de funcionamento em rede que permita suscitar as **complementaridades** requeridas, tendo presente:

- A complexidade do escrutínio, que releva as limitações das valências tradicionalmente fundadas numa base patrimonial, requerendo competências que permitam formar opinião sobre a capacidade sustentada de gerar inovação com valor económico;
- A maturidade dos projectos, que por vezes revelam fragilidades na fundamentação da viabilidade técnica, dos modelos de negócios ou do sucesso comercial das inovações, o que naturalmente condiciona a previsibilidade dos meios libertos futuros e a consequente percepção da rentabilidade esperada;
- As exigências de acompanhamento, que constituem um requisito na fase de implementação dos projectos, atendendo às capacidades técnicas e competências de gestão da equipa promotora, muitas vezes jovem e inexperiente.

Daí a pertinência da opção por uma perspectiva sistémica como a adoptada com o Caixa Empreender +. Proseguimos uma intervenção estruturada e catalisadora, que tenha em conta a génese dos negócios, o seu perfil de risco e os elevados custos de transacção a incorrer.

Naturalmente que uma das vertentes fundamentais consiste em potenciar o contributo de empresários ou gestores predispostos a investir, a título particular, o seu capital, conhecimentos e experiência, na viabilização de boas ideias de negócios que, contudo, correspondam a projectos em fase embrionária, insuficientemente estruturados ou que revelem manifestas debilidades ao nível da gestão.

Tal actividade, reconhecida no quadro legal em 2007, tem sido estruturada no nosso País em torno de associações de *business angels*, de âmbito nacional, regional ou sectorial.

Quero aqui relevar o contributo do Dr. Francisco Banha que ao longo da última década tem prosseguido uma árdua missão, aliando perseverança, entusiasmo e profissionalismo. O Dr. Francisco Banha, grande dinamizador do capital de risco, fundou a Federação Nacional das Associações de Business Angels (FNABA), que preside, e estimulou o surgimento de uma dezena de associações implantadas nas diferentes regiões do País.

Devo também expressar o meu apreço e formular os melhores votos de sucesso a todos os responsáveis pelas Associações de Business Angels aqui representadas, de Lisboa, do Porto (Invicta), de Cascais, do Algarve, de Santarém, de Guimarães (Vima), da Covilhã, do Alentejo (Alenbiz), do Centro (CEC/CCIC) e da Incubadora OPEN.

A Caixa Capital compromete-se a prestar o seu contributo. Nesse sentido, irá hoje celebrar com a FNABA um *Acordo de Parceria para o Investimento*, através do qual se articula o modelo de operacionalização a adoptar na captação, decisão de investimento e acompanhamento das participações em empresas que revelem interesse para ambas as partes.

Está ainda previsto que o Grupo Caixa, correspondendo aos programas anuais que lhe sejam submetidos, venha a comparticipar em acções tendentes a reforçar a implantação da actividade dos *business angels* no mercado nacional.

O Acordo de Parceria para o Investimento com a FNABA contempla ainda uma *Linha de Co-Investimento Complementar com os Business Angels*, no montante global de 1,5 milhões de euros, instituída pela Caixa Capital para participar nos veículos seleccionados no universo da FNABA que sejam constituídos ao abrigo do concurso em boa hora lançado pelo Programa Compete.

Tenho a convicção de que, com o Acordo de Parceria para o Investimento aqui celebrado potenciará as capacidades e competências distintas mas complementares existentes para (i) a captação e escrutínio de oportunidades de investimento, (ii) a qualificação da gestão e dos modelos de negócios nas empresas, (iii) o acompanhamento das participações e a valorização dos activos.

Estaremos assim a dar um salto qualitativo para que estejamos mais aptos a estimular o espírito empreendedor de jovens com elevado potencial e de quadros empresariais qualificados, perspectivando-lhes condições de financiamento adequadas ao desenvolvimento de novas realidades económicas.

Muito Obrigado.

Fernando Faria de Oliveira